

quando nietzsche chorou

irvin d. yalom

Tradução de Manuel Marques



**SAÍDA DE
EMERGÊNCIA**
livros para fugir da rotina

Ao círculo de amigos
que me ajudaram ao longo dos anos:

Mort, Jay, Herb, David,
Helen, John, Mary, Saul, Cathy, Larry,
Carol, Rollo, Harvey, Ruthellen, Stina,
Herant, Bea, Marianne, Bob, Pat.

À minha irmã JEAN
e à minha melhor amiga, MARILYN.

Alguns não conseguem afrouxar as suas próprias cadeias e, não obstante, conseguem libertar os seus amigos.

Um homem tem de estar preparado para se queimar na sua própria chama: como se pode renovar sem primeiro se transformar em cinzas?

— *Assim falou Zaratustra*

Capítulo 1

O carrilhão de San Salvatore interrompeu o devaneio de Josef Breuer. Puxou do pesado relógio de ouro do bolso do colete. Nove horas. Leu novamente o pequeno cartão de contornos prateados que recebera no dia anterior.

21 de outubro de 1882

*Doutor Breuer,
Preciso de o ver para um assunto da maior urgência. O futuro da filosofia alemã está em jogo. Encontre-se comigo amanhã às nove da manhã, no Café Sorrento.*

Lou Salomé

Um bilhete inconveniente! Há anos que ninguém o abordava com tão pouca cerimônia. Não conhecia nenhuma Lou Salomé. Não havia remetente no envelope, nem maneira de informar essa pessoa de que, às nove da manhã, era inoportuno, que *Frau* Breuer não iria gostar de tomar o pequeno-almoço sozinha, que o doutor Breuer estava de férias e que não estava interessado em «assuntos urgentes» — aliás, o doutor Breuer fora a Veneza precisamente para se *livrar* de assuntos urgentes.

Não obstante, lá estava ele no Café Sorrento às nove em ponto, esquadrihando os rostos ao seu redor e perguntando-se qual deles poderia ser o da impertinente Lou Salomé.

— Outro café, senhor?

Breuer assentiu com a cabeça para o empregado, um rapaz de treze ou catorze anos e de cabelos pretos, lisos e húmidos, penteados para trás. Quanto tempo durara o seu devaneio? Consultou novamente o relógio. Outros dez minutos de vida desperdiçados. E desperdiçados em quê? Como era hábito, sonhava com Bertha, com a bela Bertha, sua paciente nos últimos dois anos. Estava a recordar a sua voz provocante: «Doutor Breuer, porque é que tem tanto medo de mim?» Lembrou-se das palavras dela quando ele lhe tinha dito que deixaria de ser o seu médico: «Esperarei. O senhor será sempre o único homem da minha vida.»

Ele censurou-se: *Pelo amor de Deus, para! Para de pensar! Abre os olhos! Vê! Deixa o mundo entrar!*

Breuer ergueu a chávena, inalando o aroma do saboroso café ao mesmo tempo que inspirava profundamente o frio ar veneziano do mês de outubro. Virou a cabeça e olhou em redor. As outras mesas do Café Sorrento estavam repletas de homens e mulheres que tomavam o pequeno-almoço — na maioria, turistas, e quase todos de meia-idade. Muitos seguravam o jornal com uma das mãos e a chávena de café com a outra. Para além das mesas, viam-se nuvens de pombos azul-cinza que esvoaçavam e mergulhavam. As águas paradas do Grand Canal, brilhando com os reflexos dos grandes palácios alinhados nas suas margens, eram apenas perturbadas pela esteira ondulante de uma gôndola costeira. As outras embarcações ainda dormiam, amarradas a estacas tortas espalhadas aqui e ali ao longo do canal, como lanças espetadas ao acaso por alguma mão gigante.

— É isso mesmo: olha em redor, idiota! — proferiu Breuer para consigo mesmo. — Vêm pessoas do mundo inteiro para admirar Veneza; pessoas que se recusam a morrer sem serem abençoadas por esta maravilha.

Quanto da vida perdi simplesmente por deixar de olhar?, pensou. *Ou por olhar e não ver?* No dia anterior, tinha feito uma caminhada solitária pela ilha de Murano e, uma hora depois, não tinha visto nada, não tinha registado nada.

Nenhuma imagem se tinha transferido da sua retina para o córtex. Toda a sua atenção se consumira em pensamentos sobre Bertha: o sorriso encantador, os olhos adoráveis, a sensação do seu corpo quente e confiante, a respiração acelerada quando ele a massajava. Essas imagens tinham poder — tinham vida própria; sempre que baixava a guarda, elas invadiam-lhe a mente e usurpavam-lhe a imaginação. *Será para sempre esta a minha sina?*, interrogou-se. *Estarei destinado a ser um simples palco no qual as memórias de Bertha representam eternamente o seu drama?*

Alguém se levantou na mesa ao lado. O ruído agudo da cadeira metálica no chão de tijolo despertou-o e, mais uma vez, procurou Lou Salomé. Ali estava ela! A mulher a descer a Riva del Carbon e a entrar no café. Só ela poderia ter escrito aquela nota — aquela bela mulher, alta e esguia, envolta num casaco de peles, caminhando altivamente na sua direção, agora, através do emaranhado de mesas cheias de gente. Ao aproximar-se, Breuer reparou que era jovem, talvez até mais jovem que Bertha, possivelmente uma adolescente. Mas aquela presença imponente — extraordinária! Poderia levá-la longe!

Lou Salomé prosseguiu até junto dele sem demonstrar qualquer hesitação. Como poderia estar tão segura da sua pessoa? A mão esquerda de Breuer rapidamente alisou os pelos ruivos da barba para os limpar das migalhas de pão. A mão direita puxou a parte lateral do casaco preto que vestia para que não ficasse levantada em volta do pescoço. Ao chegar a poucos metros de distância, a jovem deteve-se por um instante e fitou-o ousadamente nos olhos.

De súbito, a mente de Breuer parou de tagarelar. *Agora*, olhar não exigia concentração. *Agora*, retina e córtex cooperavam perfeitamente, permitindo que a imagem de Lou Salomé penetrasse livre na sua mente. Era uma mulher de extraordinária beleza: testa alta, queixo forte e bem torneado, brilhantes olhos azuis, lábios cheios e sensuais, e cabelos louros com reflexos prateados, penteados negligentemente, que se reuniam num carrapito alto, expondo-lhe as orelhas e o pescoço longo e gracioso. Notou com especial prazer as madeixas de cabelo que escapavam do carrapito e caíam arrojadamente em todas as direções.

Mais três passos, e chegou à mesa dele.

— Doutor Breuer, sou Lou Salomé. Posso? — perguntou, apontando para a cadeira vazia. Sentou-se tão prontamente que Breuer não teve tempo de a cumprimentar como devia: levantar-se, curvar-se, beijar-lhe as mãos e afastar-lhe a cadeira.

— Pssst, por favor! — Breuer estalou os dedos animadamente. — Um café para a senhora. *Cafê latte*? — Olhou para *Fräulein* Salomé. Ela anuiu com a cabeça e, apesar do frio matinal, tirou o casaco de peles.

— Sim, um *café latte*.

Breuer e a sua companheira ficaram sentados em silêncio por um momento. Depois, Lou Salomé fitou-o diretamente nos olhos e começou:

— Tenho um amigo desesperado. Receio que se venha a suicidar num futuro muito próximo. Seria uma grande perda para mim e uma grande tragédia pessoal, pois eu iria carregar uma certa responsabilidade. Apesar disso, eu poderia suportar e superar esse facto. Mas — inclinou-se na sua direção, falando mais suavemente — tal perda poder-se-ia estender bem para lá de

mim: a morte deste homem teria consequências enormes para o senhor, para a cultura europeia, para todos nós. Acredite em mim.

Breuer ia dizer «A menina decerto está a exagerar», mas não conseguiu proferir as palavras. O que em qualquer outra jovem se afiguraria um exagero de adolescente, aqui parecia diferente, algo a ser levado a sério. A sinceridade dela, o seu fluxo de convicção, eram irresistíveis.

— Quem é esse homem, o seu amigo? Conheço-o?

— Ainda não! Mas dentro de algum tempo, todos o conheceremos. Chama-se Friedrich Nietzsche. Talvez esta carta de Richard Wagner para o professor Nietzsche sirva para o apresentar. — Retirou uma carta da mala, desdobrou-a e estendeu-a a Breuer. — Primeiro, devo dizer que Nietzsche não sabe que estou aqui nem que tenho esta carta em meu poder.

A última frase de *Fräulein* Salomé provocou uma pausa em Breuer. *Devo ler a carta?*, pensou. *Esse professor Nietzsche não sabe que ela ma está a mostrar. Nem sequer que está na posse dela! Como a terá obtido? Pediu-a emprestada? Surripou-a?*

Breuer orgulhava-se de muitos dos seus atributos. Era leal e generoso. A precisão dos seus diagnósticos tinha-se tornado uma lenda: em Viena, era o médico pessoal de grandes cientistas, artistas e filósofos, como Brahms, Brücke e Brentano. Aos quarenta anos, era conhecido em toda a Europa e cidadãos distintos de todo o Ocidente viajavam grandes distâncias para o consultarem. No entanto, acima de tudo, orgulhava-se da sua *integridade* — jamais, em toda a sua vida, cometera um ato desonesto. A não ser, talvez, se fosse considerado responsável pelos seus pensamentos caruais acerca de Bertha, pensamentos que por direito deveriam ser dirigidos à sua esposa, Mathilde.

Assim, hesitou em aceitar a carta que Lou Salomé lhe estendia. Mas apenas por um breve momento. Após outro olhar para dentro daqueles cristalinolhos azuis, abriu-a. Estava datada de 10 de janeiro de 1882 e começava com «*Meu amigo Friedrich*»; tinham sido sublinhados vários parágrafos.

Acabou de oferecer ao mundo uma obra ímpar. O seu livro é caracterizado por uma convicção tão consumada, que pressagia a mais profunda originalidade. De que outra forma poderíamos, a minha esposa e eu, ter realizado o desejo mais ardente das nossas vidas, ou seja, que algum dia algo vindo de fora possuísse plenamente os nossos corações e as nossas almas? Cada um de nós leu o seu livro duas vezes — primeiro sozinhos, de dia, e depois em voz alta, de noite. Disputámos, com razão, o único

exemplar e lamentamos que o prometido segundo exemplar ainda não tenha chegado.

O meu amigo encontra-se doente? Encontra-se desanimado? Se assim é, gostaria tanto de fazer algo para lhe afastar o desalento! Como devo começar? Nada mais posso fazer senão esbanjar sobre si os meus elogios incondicionais.

Aceite-os ao menos com um espírito amigável, ainda que eles o deixem insatisfeito.

*Saudações sinceras do vosso,
Richard Wagner*

Richard Wagner! Não obstante toda a sua urbanidade vienense, toda a sua familiaridade e desembaraço com os grandes homens da época, Breuer ficou aturdido. Uma carta daquelas escrita pela própria mão do mestre! Porém, recuperou rapidamente a serenidade.

— Muito interessante, minha cara *Fräulein*, mas agora, por favor, diga-me exatamente o que posso fazer por si.

Inclinando-se outra vez para a frente, Lou Salomé pousou ao de leve a mão enluvada sobre a mão de Breuer:

— Nietzsche está doente, muito doente. Precisa da sua ajuda.

— Mas qual é a natureza da doença dele? Quais são os sintomas? — Breuer, perturbado pelo toque da mão da jovem, ficou satisfeito por navegar em águas familiares.

— Dores de cabeça. Em primeiro lugar, dores de cabeça lancinantes. E ataques constantes de náuseas. E uma ameaça de cegueira. A sua visão tem-se vindo a deteriorar gradualmente. Problemas estomacais também: às vezes, não consegue comer durante dias. E insónias: nenhum remédio o faz dormir, de modo que toma doses excessivas de morfina. Tonturas: às vezes, fica enjoado em terra firme durante vários dias seguidos.

Longas listas de sintomas não eram novidade nem estímulo para Breuer, que normalmente examinava de vinte e cinco a trinta doentes por dia e viera a Veneza precisamente para descansar dessa labuta. Contudo, era tamanha a veemência de Lou Salomé, que se sentiu compelido a prestar toda a atenção.

— A resposta à sua pergunta, minha cara senhora, é sim, *claro* que examinarei o seu amigo. Quanto a isso, não há dúvida. Afinal, sou um médico. Mas, por favor, permita-me formular uma pergunta: porque é que a senhora e o seu amigo não vêm ao meu encontro por um caminho mais direto? Porque não escrevem simplesmente para o meu consultório em Viena e marcam uma

consulta? — Com isto, Breuer olhou ao redor à procura do empregado para pedir a conta e pensou quão satisfeita Mathilde ficaria com o seu regresso tão rápido ao hotel. Mas não era fácil livrar-se daquela ousada mulher.

— Doutor Breuer, só mais uns minutos, por favor. Não estou a exagerar a gravidade do estado de Nietzsche, nem a profundidade do seu desespero.

— Não duvido disso. Mas volto a perguntar, *Fräulein* Salomé, porque é que *Herr* Nietzsche não me consulta em Viena, no meu consultório? Ou porque não visita um médico em Itália? Onde mora ele? Gostaria que lhe indicasse um médico na sua cidade? E porquê *eu*? Aliás, como é que a menina soube que eu estava em Veneza? Ou que sou um aficionado da ópera e que admiro Wagner?

Lou Salomé não se deixou abalar e sorriu quando Breuer começou a crivá-la de perguntas, o sorriso tornando-se malicioso à medida que estas continuaram:

— *Fräulein*, está a sorrir como se tivesse um segredo. Creio que é uma jovem que adora mistérios!

— Tantas perguntas, doutor Breuer. É espantoso; conversámos apenas durante poucos minutos e, não obstante, há tantas perguntas intrigantes. Isso é certamente um bom presságio de conversas futuras. Deixe que lhe conte mais sobre o nosso paciente.

Nosso paciente! Enquanto Breuer se espantava novamente com a sua audácia, Lou Salomé continuou:

— Nietzsche esgotou os recursos médicos da Alemanha, Suíça e Itália. Nenhum médico conseguiu compreender a sua doença ou aliviar os seus sintomas. Nos últimos vinte e quatro meses, segundo me contou, consultou vinte e quatro dos melhores médicos da Europa. Abdicou do seu lar, abandonou os amigos, renunciou à sua cátedra na universidade. Tornou-se um caminhante em busca de um clima tolerável, à procura de um ou dois dias de alívio para a sua dor.

A jovem parou, erguendo a chávena enquanto mantinha o olhar fixo em Breuer.

— *Fräulein*, na minha prática como clínico, vejo com frequência doentes em estados invulgares ou intrigantes. Porém, permita-me que lhe diga honestamente: não faço milagres. Numa situação dessas, de cegueira, cefaleias, vertigens, gastrite, fraqueza, insónia, em que vários excelentes médicos foram consultados e deixaram a desejar, é pouco provável que eu consiga fazer mais do que me tornar no seu vigésimo quinto excelente médico em outros tantos meses.

Breuer reclinou-se na cadeira, pegou num charuto e acendeu-o. Lançou

para o ar um fumo fino e azulado, esperou até que ele se dissipasse e depois continuou:

— Ofereço-me, porém, novamente, para examinar o professor Nietzsche no meu consultório. Entretanto, é bem provável que a causa e a cura de uma doença tão refratária como a dele ultrapassem o alcance da ciência médica de 1882. O seu amigo pode ter nascido demasiado cedo.

— Demasiado cedo! — Ela riu-se. — Uma observação previdente, doutor Breuer. Quantas vezes ouvi Nietzsche proferir exatamente essas palavras! Agora, tenho a *certeza de* que o senhor é o médico certo para ele.

Apesar da sua pressa em partir e da visão recorrente de Mathilde já vestida e a andar ansiosa pelo quarto do hotel, Breuer exprimiu o seu interesse:

— Como é isso?

— Denomina-se muitas vezes um «filósofo póstumo»: um filósofo para quem o mundo ainda não está preparado. De facto, o novo livro que está a projetar começa com este tema: um profeta, Zaratustra, pleno de sabedoria, decide iluminar as pessoas. Mas ninguém compreende as suas palavras. Não estão preparados para o profeta que, percebendo ter vindo demasiado cedo, regressa à sua solidão.

— *Fräulein*, as suas palavras intrigam-me: sou um apaixonado pela filosofia. Porém, hoje o meu tempo é limitado e estou à espera de uma resposta direta à minha pergunta: porque é que o seu amigo não me consulta em Viena?

— Doutor Breuer. — Lou Salomé fitou-o diretamente nos olhos. — Desculpe a minha imprecisão. Talvez esteja a ser demasiado indireta. Sempre gostei de me deter na presença de grandes mentes: talvez porque preciso de modelos para o meu próprio desenvolvimento, talvez apenas porque goste de as colecionar. Mas sei que é um privilégio conversar com um homem com a profundidade e a capacidade que o senhor tem.

Breuer sentiu-se enrubescer. Já não lhe suportava o olhar e desviou a vista para longe, enquanto ela continuava:

— O que quero dizer é que talvez seja culpada de estar a ser indireta apenas para prolongar o nosso tempo juntos.

— Mais café, *Fräulein*? — Breuer fez sinal ao empregado. — E mais desses pãezinhos engraçados. Já refletiu sobre a diferença entre a panificação alemã e a italiana? Permita-me descrever a minha teoria sobre a concordância entre o pão e a personalidade nacional.

Assim, Breuer não se apressou a voltar para Mathilde. Enquanto tomava um pequeno-almoço descontraído com Lou Salomé, refletiu sobre a ironia da

situação. Que estranho ter ido a Veneza para desvanecer o dano causado por uma mulher bonita e, agora, estar sentado *tête-à-tête* com outra ainda mais bonita! Também observou que, pela primeira vez em meses, a sua mente estava livre da obsessão por Bertha.

Talvez exista afinal uma esperança para mim, ponderou. *Talvez, quem sabe, possa usar esta mulher para expulsar Bertha do palco da minha mente. Terei descoberto um equivalente psicológico para a terapia de substituição farmacológica? Uma droga benigna, como a valeriana, pode substituir uma mais perigosa, como a morfina. Analogicamente, talvez Lou Salomé possa substituir Bertha — um grande progresso! Afinal, esta mulher é mais sofisticada, mais realizada. Bertha é — como direi? — pré-sexual, uma mulher não realizada, uma criança que se debate desajeitadamente num corpo de mulher.*

Contudo, Breuer sabia que era precisamente a inocência pré-sexual de Bertha que o atraía. Ambas as mulheres o excitavam: pensar nelas provocou-lhe uma vibração quente no baixo-ventre. Por outro lado, ambas as mulheres o amedrontavam: ambas perigosas, mas de forma diferente. Esta Lou Salomé assustava-o devido ao seu poder — pelo que ela lhe poderia fazer. Bertha assustava-o devido à submissão — pelo que ele *lhe* poderia fazer. Tremeu ao pensar nos riscos que correria com Bertha — o quão próximo estivera de violar a regra mais fundamental da ética médica, de se arruinar a si próprio, à família, a toda a sua vida.

Entretanto, encontrava-se tão profundamente envolvido na conversa e tão completamente encantado com a sua jovem companheira de pequeno-almoço que, finalmente, ela — e não ele — regressou à doença do amigo, especificamente ao comentário de Breuer sobre milagres médicos.

— Tenho vinte e um anos, doutor Breuer, e deixei de acreditar em milagres. Percebo que o fracasso de vinte e quatro excelentes médicos só pode significar que atingimos os limites do conhecimento médico contemporâneo. Porém, não me interprete mal! Não tenho a ilusão de que o senhor vá curar a doença de Nietzsche. Não foi por *isso* que procurei a sua ajuda.

Breuer pousou a chávena de café em cima da mesa e limpou o bigode e a barba com o guardanapo.

— Perdoe-me, *Fräulein*, agora fiquei realmente confuso. A menina não começou por dizer que desejava a minha ajuda porque o seu amigo está muito doente?

— Não, doutor Breuer, eu disse que tinha um amigo que está *desesperado*, que corre grande perigo de se suicidar. É o *desespero* do professor Nietzsche, e não o seu organismo, que peço que cure.

— Mas, *Fräulein*, se o seu amigo está desesperado com a saúde e não

disponho de uma terapia para ele, o que posso fazer? Não posso ajudar uma mente doente.

Breuer interpretou a anuência de Lou Salomé como um reconhecimento das palavras do médico de Macbeth¹ e prosseguiu:

— *Fräulein* Salomé, não existe remédio para o desespero, nem médico para a alma. Não há muito que possa fazer, a não ser recomendar uma das excelentes termas terapêuticas na Áustria ou em Itália. Ou talvez uma conversa com um sacerdote ou outro qualquer conselheiro religioso, um membro da família... quem sabe, um bom amigo?

— Doutor Breuer, sei que é capaz de fazer mais do que isso. Tenho um espião. O meu irmão Jenia é estudante de Medicina e frequentou a sua clínica em Viena no início deste ano.

Jenia Salomé! Breuer tentou recordar o nome. Havia tantos estudantes.

— Através dele, soube do seu amor por Wagner, que viria esta semana de férias para o Hotel Amalfi em Veneza e, também, como o reconhecer. Porém, o mais importante de tudo, através dele soube que o senhor é realmente um médico vocacionado para o desespero. No último verão, assistiu a uma conferência informal em que o senhor descreveu a forma como tratou uma jovem chamada Anna O., uma mulher desesperada, e como a tratou com uma nova técnica chamada «terapia da catarse», uma cura baseada na razão, no decifrar de associações mentais emaranhadas. Jenia diz que o senhor é o único médico da Europa capaz de proporcionar um tratamento psicológico verdadeiro.

Anna O.! Breuer sobressaltou-se com o nome e entornou o café ao levar a chávena à boca. Limpou a mão com o guardanapo, esperando que *Fräulein* Salomé não tivesse reparado no acidente. Anna O., Anna O.! Incrível! Para onde quer que se virasse, deparava com Anna O. — o seu nome de código para Bertha Pappenheim. Extremamente discreto, Breuer nunca usava os verdadeiros nomes dos doentes ao discutir os casos. Em vez disso, criava um pseudónimo retrocedendo uma letra do alfabeto nas iniciais do nome: como tal, as letras B.P. de Bertha Pappenheim tornaram-se A.O., ou Anna O.

— Jenia ficou tremendamente impressionado com o senhor, doutor Breuer. Ao descrever a sua conferência e a sua cura de Anna O., declarou-se um bem-aventurado por estar sob a luz de um génio. Jenia não é um rapaz impressionável. Nunca o tinha ouvido falar assim. Resolvi, então, que um dia teria de o encontrar, de o conhecer, talvez de estudar consigo. Mas o meu «um

¹ Na tragédia *Macbeth*, de William Shakespeare, *Lady Macbeth*, oprimida pelos crimes que ajudou o marido a cometer, sofre de terríveis visões. O médico chamado para a tratar confessa a sua impotência: «Essa doença está além dos meus conhecimentos.» (Ato V, Cena I) (N. de T.)

dia» tornou-se mais imediato com o declínio do estado de Nietzsche nos últimos dois meses.

Breuer olhou em seu redor. Muitos dos outros fregueses já tinham terminado a refeição e saído, mas ei-lo ali sentado, num total distanciamento de Bertha, falando com uma mulher impressionante que esta trouxera para a sua vida. Um calafrio percorreu-lhe o corpo. Nunca encontraria um refúgio de Bertha?

— *Fräulein*. — Breuer pigarreou para clarificar a garganta e esforçou-se por prosseguir. — O caso descrito pelo seu irmão foi, simplesmente, um caso individual em que apliquei uma técnica altamente experimental. Não há razão para acreditar que essa técnica específica vá ajudar o seu amigo. De facto, existem várias razões para acreditar que não o ajudará.

— Porque não, doutor Breuer?

— Receio que o tempo não permita uma resposta prolongada. Por agora, adiantarei apenas que Anna O. e o seu amigo sofrem de doenças muito diferentes. Ela sofria de histeria e de certos sintomas incapacitantes, conforme o seu irmão lhe deve ter contado. A minha abordagem consistiu em remover sistematicamente cada sintoma, ajudando a minha paciente a recordar, com a ajuda do mesmerismo, o trauma psíquico esquecido no qual tivera origem. Uma vez descoberta a fonte específica, o sintoma desaparecia.

— Suponha, doutor Breuer, que consideramos o desespero como um sintoma. O senhor não poderia tratá-lo da mesma forma?

— O desespero não é um sintoma médico, *Fräulein*; é vago, impreciso. Cada um dos sintomas de Anna O. envolvia uma parte delimitada do corpo; cada um era causado pela descarga da excitação intracerebral através de uma qualquer passagem neurológica. Pelo que a menina me descreveu, o desespero do seu amigo é inteiramente psicológico. Não existe uma abordagem ou tratamento para tal situação.

Pela primeira vez, Lou Salomé hesitou.

— Mas, doutor Breuer — pôs novamente a mão sobre a dele —, antes de tratar Anna O. não havia tratamento psicológico para a histeria. Tanto quanto sei, os médicos recorriam apenas a banhos ou àquele horrível tratamento com choques elétricos. Estou convencida de que o senhor, talvez apenas o senhor, poderá descobrir um tratamento novo para Nietzsche.

Subitamente, Breuer viu as horas. Tinha de regressar para junto de Mathilde.

— *Fräulein*, farei todos os possíveis para ajudar o seu amigo. Por favor, tem aqui o meu cartão. Observarei o seu amigo em Viena.

Ela olhou para o cartão apenas por breves instantes, antes de o guardar na mala.

— Doutor Breuer, receio que as coisas não sejam assim tão simples. Nietzsche não é, por assim dizer, um paciente cooperante. Na verdade, ele nem sabe que estou a falar consigo. Tem uma personalidade extremamente reservada e é um homem orgulhoso. Jamais conseguirá reconhecer que necessita de ajuda.

— Mas disse-me que ele fala abertamente de suicídio.

— Em todas as conversas, em todas as cartas. Mas não pede ajuda. Caso viesse a saber da nossa conversa, nunca me perdoaria, e estou certa de que se recusaria consultá-lo, mesmo que, de alguma forma, eu o convencesse. Limitaria a consulta aos problemas físicos. Nunca lhe chegaria a pedir para lhe aliviar o desespero. Sustenta opiniões rígidas sobre fraqueza e poder.

Breuer começou a sentir-se frustrado e impaciente.

— Então, *Fräulein*, o drama torna-se mais complexo. A menina quer que eu me encontre com um tal professor Nietzsche, que considera um dos grandes filósofos da nossa época, a fim de o persuadir de que a vida — ou pelo menos a vida *dele* — vale a pena ser vivida. E devo conseguir fazer isso sem que o nosso filósofo se aperceba.

Lou Salomé assentiu com a cabeça, suspirou profundamente e sentou-se de novo na cadeira.

— Como será possível? — continuou ele. — Realizar simplesmente a primeira tarefa, curar o desespero, só por si já ultrapassa o alcance da ciência médica. Mas esta segunda condição, de que o paciente seja tratado sub-repticiamente, transfere o nosso empreendimento para o reino do fantástico. Existem outros obstáculos que ainda não revelou? Quem sabe se o professor Nietzsche fala apenas sânscrito ou se recusa a deixar o seu eremitério no Tibete? — Breuer sentiu-se atordoado mas, observando o ar de espanto de Lou Salomé, controlou-se rapidamente. — Falando a sério, *Fräulein* Salomé, como poderei fazê-lo?

— *Agora* está a compreender, doutor Breuer! *Agora* está a compreender porque procurei *o senhor* em vez de procurar um homem de menor envergadura!

Os sinos de San Salvatore bateram as horas. Dez horas. Mathilde devia estar ansiosa. Ah! Se não fosse por ela... Breuer acenou novamente ao empregado. Enquanto esperavam pela conta, Lou Salomé fez um convite invulgar:

— Doutor Breuer, aceitaria o meu convite para o pequeno-almoço amanhã? Conforme já mencionei, tenho uma certa responsabilidade pessoal pelo desespero do professor Nietzsche. Há muito mais coisas que gostaria de lhe contar.

— Amanhã, infelizmente, será impossível. Não é todos os dias que uma mulher adorável me convida para o pequeno-almoço, *Fräulein*, mas não posso

aceitar. A natureza da viagem com a minha esposa até cá desaconselha a que a deixe novamente.

— Permita-me então sugerir outro plano. Prometi ao meu irmão visitá-lo este mês. Aliás, até há pouco tempo, planeava ir a Viena com o professor Nietzsche. Permita que, quando lá estiver, lhe forneça mais informações. Entretanto, tentarei persuadir o professor Nietzsche a consultá-lo acerca da deterioração da sua saúde física.

Saíram juntos do café. Restavam poucos fregueses, e os empregados recolhiam as mesas. Breuer preparava-se para partir quando Lou Salomé lhe deu o braço e começou a caminhar a seu lado.

— Doutor Breuer, esta hora foi demasiado curta. Estou ávida por mais um pouco do seu tempo. Posso acompanhá-lo de regresso ao hotel?

O convite impressionou Breuer pela ousadia, pela masculinidade; entretanto, vindo dos lábios dela, parecia normal, genuíno — a forma natural como as pessoas deveriam conversar e viver. Se uma mulher apreciava a companhia de um homem, porque não dar-lhe o braço e pedir para o acompanhar? Contudo, que outra mulher sua conhecida teria proferido aquelas palavras? Estava diante de uma espécie diferente de mulher. Aquela mulher era livre!

— *Jamais* lamentarei tanto declinar um convite — disse Breuer, puxando-lhe o braço para mais perto de si —, mas são horas de voltar, e de voltar sozinho. A minha adorável mas preocupada esposa estará à janela à minha espera e é meu dever mostrar-me sensível aos seus sentimentos.

— É claro, mas... — Ela puxou o braço para ficar diante dele, autodisciplinada, vigorosa como um homem. — Para mim a palavra «dever» é pesada e opressiva. Reduzi os meus deveres a apenas um: perpetuar a minha liberdade. O casamento e o seu séquito de possessão e ciúme escravizam o espírito. Eles jamais me dominarão. Espero, doutor Breuer, que chegue o tempo em que nem o homem, nem a mulher sejam tiranizados pelas fraquezas mútuas. — Virou-se com a mesma segurança total da sua chegada: — *Auf Wiedersehen*. Até ao nosso próximo encontro... em Viena.

Capítulo 2

Quatro semanas depois, Breuer estava sentado à secretária no seu consultório na Bäckerstrasse 7. Eram quatro da tarde e aguardava impacientemente a chegada de *Fräulein* Lou Salomé.

Era raro ter um intervalo durante o dia de trabalho; porém, na ânsia de a ver, tinha despachado rapidamente os três pacientes anteriores. Todos eles sofriam de doenças de fácil diagnóstico que exigiam pouco esforço da sua parte.

Os dois primeiros — homens na casa dos sessenta — sofriam de doenças praticamente idênticas: respiração forçada e uma tosse brônquica seca e áspera. Havia anos que Breuer tratava dos enfisemas crônicos de ambos a que, no clima frio e húmido, se sobrepunha uma bronquite aguda, resultando num grave problema pulmonar. Para ambos os pacientes, prescreveu morfina contra a tosse (pó de Dover, cinco grãos, três vezes por dia), pequenas doses de um expetorante (ipecacuanha), inalações de vapor e emplastros de mostarda no tórax. Embora alguns médicos zombassem dos emplastros de mostarda, Breuer acreditava neles e prescrevia-os com frequência — especialmente naquele ano, quando metade de Viena parecia ter sucumbido às doenças respiratórias. A cidade não via o Sol havia três semanas, apenas uma gélida e implacável chuva fina.

O terceiro paciente, um criado da residência do príncipe herdeiro Rodolfo, era um jovem febril e bexigoso, com a garganta inflamada, tão acaanhado que Breuer teve de ser autoritário ao ordenar que se despisse para o examinar. O diagnóstico foi amigdalite folicular. Embora adepto da rápida extração das amígdalas com tesouras e fórceps, Breuer decidiu que aquelas amígdalas não estavam suficientemente amadurecidas para serem extraídas.

Em vez disso, prescreveu uma compressa fria no pescoço, gargarejos com cloreto de potássio e inalações de água carbonatada. Por se tratar da terceira inflamação na garganta do paciente naquele inverno, Breuer também o aconselhou a enrijecer a pele e a resistência com banhos frios diários.

Agora, enquanto esperava, pegou na carta de *Fräulein* Salomé recebida três dias antes. Com a mesma ousadia da nota anterior, anunciava que iria ao seu consultório naquele dia às quatro horas para uma consulta. As narinas de Breuer dilataram-se: *Ela diz-me a mim a que horas chega. Ela ordena. Ela concede-me a honra de...*

Mas rapidamente se corrigiu: *Não te leves tão a sério, Josef. Qual é a diferença? Embora Fräulein Salomé não tenha como o saber, acontece que quarta-feira à tarde é uma ocasião excelente para a ver. Em toda esta confusão, que diferença faz?*

Ela diz-me... Breuer refletiu sobre o seu tom de voz: era precisamente essa autoimportância enfatuada que ele detestava nos seus colegas médicos, como Billroth e Schnitzler pai, e em muitos dos seus ilustres pacientes, como Brahms e Wittgenstein. A qualidade que mais apreciava nos conhecimentos mais próximos, dos quais na maioria também eram seus doentes, era a simplicidade. Era o que o aproximava de Anton Bruckner. Talvez Anton jamais atingisse o patamar de Brahms, mas pelo menos não adorava o chão que ele próprio pisava.

Acima de tudo, Breuer gostava dos jovens e irreverentes filhos de alguns dos seus conhecidos — os jovens Hugo Wolf, Gustav Mahler, Teddie Herzl e o mais improvável estudante de Medicina, Arthur Schnitzler. Identificava-se com eles e, longe dos ouvidos das outras pessoas da sua idade, maravilhava-os com ataques cáusticos à classe dominante. Por exemplo, na semana anterior, no baile da policlínica, divertira um grupo de jovens aglomerados à sua volta ao pronunciar:

— Sim, sim, é verdade que os vienenses são um povo religioso: o seu deus chama-se «Decorum».

Breuer, o eterno cientista, recordou a facilidade com que, em apenas alguns minutos, mudara de um estado mental para outro: da arrogância à simplicidade. Que fenómeno interessante! Conseguiria repeti-lo?

De vez em quando, conduzia uma experiência imaginária. Primeiro, tentava assumir *a persona* vienense com toda a pompa que tinha vindo a odiar. Tornava-se enfatuado e murmurava silenciosamente: *Como ousa ela?* Entortava os olhos e franzia a testa, experimentando o ressentimento e a indignação que envolvem os que se levam demasiado a sério. Depois, suspirando e descontraindo-se, abandonava a atitude e voltava à sua própria

pele — a um estado mental capaz de rir de si próprio, das próprias posturas ridículas.

Observou que cada um desses estados mentais tinha o seu colorido emocional próprio: o enfatuado tinha arestas agudas — maldade e irritabilidade —, bem como altivez e solidão. O outro estado, pelo contrário, afigurava-se regular, suave e tolerante.

Essas eram emoções definidas, identificáveis, matutava Breuer, mas também emoções *modestas*. E quanto às emoções mais *poderosas* e aos estados mentais que *as* alimentavam? Haveria forma de controlar essas emoções mais fortes? Isso não levaria a uma terapia psicológica eficaz?

Considerou a sua própria experiência. Os seus estados mentais mais transitórios envolviam mulheres. Havia ocasiões — tal como nesse dia, abrigado na fortaleza do seu consultório — em que se sentia forte e seguro. Nessas ocasiões, via as mulheres como realmente eram: criaturas batalhadoras e ansiosas, lidando com os incessantes e prementes problemas do dia a dia; e via a realidade dos seus seios: aglomerados de células mamárias flutuando em poças de lipoides. Conhecia os seus corrimentos, os seus problemas dismenorreicos, as suas ciáticas e as suas diferentes protuberâncias irregulares — bexigas e úteros com prolapso, hemorroidas e varizes salientes.

Mas havia outras ocasiões — ocasiões de encantamento, em que era conquistado por mulheres maiores do que a vida, os seios avolumando-se em globos mágicos e poderosos — quando era dominado por uma ânsia irresistível de se fundir com esses corpos, de lhes sugar os mamilos, de lhes sentir o calor e a humidade. Esse estado de espírito podia ser incontrolável, podia transtornar uma vida inteira — e, no seu trabalho com Bertha, quase lhe tinha custado o que tanto prezava.

Era tudo uma questão de perspectiva, de mudar de estado de espírito. Se lograsse ensinar os pacientes a fazê-lo conforme desejassem, poderia de facto transformar-se no que *Fräulein* Salomé procurava: um médico para o desespero.

A sua divagação foi interrompida pelo som da porta a abrir e a fechar-se lá fora. Breuer esperou uns instantes para não parecer muito ansioso e, depois, passou à sala de espera para saudar Lou Salomé. Estava molhada, a leve chuva vienense transformara-se num aguaceiro — mas, antes que a pudesse ajudar a despir a capa molhada, já ela o tinha feito, entregando-a à enfermeira e rececionista, *Frau* Becker.

Após conduzir *Fräulein* Salomé para dentro do consultório e fazer sinal para que se instalasse numa pesada cadeira forrada de couro preto, Breuer sentou-se na cadeira ao lado. Não pôde conter a observação:

— Vejo que prefere fazer as coisas por si mesma. Isso não priva os homens do prazer de a servir?

— Ambos sabemos que alguns dos serviços que os homens prestam não são necessariamente benéficos para a saúde das mulheres!

— O seu futuro marido vai precisar de um treino intensivo. Os hábitos de uma vida inteira não se extinguem com facilidade.

— Marido? O casamento não é para mim! Já lhe contei. Oh! Talvez um casamento a tempo parcial; isso poderia servir-me, mas nada que me prendesse demasiado.

Observando a sua bela ousada e visitante, Breuer deixou-se cativar pela ideia de um casamento a tempo parcial. Era difícil convencer-se de que a idade dela era apenas metade da dele. Trazia um vestido preto simples, comprido e com botões que subiam até ao pescoço, e uma pele com um pequeno focinho e patas de raposa envolvia-lhe os ombros. *Que estranho*, pensou Breuer, *na fria Veneza despe o casaco, mas não o larga por um minuto no meu consultório aquecido*. Chegara o momento de tratarem do assunto que a trouxera ali.

— *Fräulein* — disse —, vamos tratar da doença do seu amigo.

— «Desespero», não doença. Tenho diversas recomendações. Devo partilhá-las consigo?

A sua presunção não terá limites?, pensou indignado. *Fala como se fosse minha colega, diretora de uma clínica, uma médica com trinta anos de experiência, e não uma estudante inexperiente.*

Acalma-te, Josef!, repreendeu-se a si próprio. *Ela é muito jovem e não adora o deus vienense, o Decorum. Além do mais, conhece esse professor Nietzsche melhor do que eu. É extremamente inteligente e pode ter algo importante para dizer. Deus sabe que não faço a menor ideia de como curar o desespero: nem sequer consigo curar aquele que sinto.*

Respondeu calmamente:

— Efetivamente. Por favor, prossiga.

— O meu irmão Jenia, com quem me encontrei esta manhã, mencionou que o senhor usou o mesmerismo para ajudar Anna O. A solução de recordar a fonte psicológica original de cada um dos seus sintomas. Lembro-me de que me disse em Veneza que essa descoberta da origem de cada sintoma de algum modo o dissolvia. O *como* desse «de algum modo» intriga-me. Um dia, quando dispusermos de mais tempo, espero que me esclareça sobre o mecanismo exato pelo qual tomar conhecimento da fonte elimina o sintoma.

Breuer balançou a cabeça e gesticulou com as mãos, de palmas voltadas para Lou Salomé.

— Trata-se de uma observação empírica. Ainda que dispuséssemos de

todo o tempo do mundo para falar, receio que não conseguiria fornecer-lhe toda a exatidão que procura. Mas quanto às suas recomendações, *Fräulein*?

— A minha primeira recomendação é: *não tente esse método do mesmo-rismo com Nietzsche*. Com ele, não funcionaria! A sua mente, o seu intelecto, é um milagre: uma das maravilhas do mundo, como verá por si próprio. Mas ele é, apropriando-me de uma das suas expressões favoritas, apenas humano, demasiado humano, e possui os seus próprios pontos cegos.

Lou Salomé retirou então a pele de raposa, levantou-se lentamente e cruzou o consultório para a pousar em cima do sofá de Breuer. Observou por um momento os diplomas emoldurados na parede, ajustou um que estava ligeiramente torto e, depois, sentou-se de novo e cruzou as pernas antes de prosseguir.

— Nietzsche é extremamente sensível em questões de poder. Recusaria envolver-se em qualquer processo que entenda como uma submissão do seu poder a outra pessoa. Na filosofia, é atraído pelos gregos pré-socráticos, especialmente pelo conceito deles de *agonis*, a crença de que apenas desenvolvemos os dons naturais através da luta, e desconfia profundamente da motivação de quem quer que renuncie a ela e alegue ser altruísta. O seu mentor nesses assuntos foi Schopenhauer. Ninguém deseja ajudar os outros, afirma; pelo contrário, as pessoas apenas desejam dominar e aumentar o seu próprio poder. Nas poucas vezes em que submeteu o seu poder a outros, acabou por se sentir arrasado e enraivecido. Aconteceu com Richard Wagner. Acredito que esteja a acontecer agora comigo.

— Consigo, como? É verdade que, de certa forma, é responsável pelo grande desespero do professor Nietzsche?

— Ele acredita que sim. Por isso, a minha *segunda* recomendação é: *não se alie a mim*. O senhor parece surpreso; para que compreenda, terei de lhe contar tudo acerca do meu relacionamento com Nietzsche. Nada omitirei e responderei a todas as suas perguntas com sinceridade. Não será fácil. Ponho-me nas suas mãos, mas as minhas palavras devem permanecer apenas entre nós.

— Claro, pode estar certa disso, *Fräulein* — respondeu, admirado com a abordagem direta, com o quão agradável era conversar com alguém tão aberto.

— Bem, então... Conheci Nietzsche há aproximadamente oito meses, em abril.

Frau Becker bateu à porta e entrou com o café. Se ficou surpreendida ao ver Breuer sentado ao lado de Lou Salomé, e não no seu lugar habitual atrás da secretária, não o exprimiu. Sem dizer palavra, deixou uma bandeja com as chávenas, colheres e uma cafeteira de prata brilhante e saiu rapidamente. Breuer serviu o café enquanto a jovem prosseguia.

— Deixei a Rússia no ano passado devido à minha saúde: um problema respiratório que agora melhorou bastante. Primeiro, vivi em Zurique e estudei Teologia com Biederman, além de trabalhar com o poeta Gottfried Kinkel... Não sei se mencionei que sonho tornar-me poetisa. Quando eu e a minha mãe nos mudámos para Roma, no princípio deste ano, Kinkel entregou-me uma carta de apresentação a Malwida von Meysenburg. O senhor conhece-a: escreveu *Memórias de Uma Idealista*.

Breuer assentiu com a cabeça. Estava familiarizado com a obra de Malwida von Meysenburg, especialmente com as suas cruzadas em prol dos direitos das mulheres, da reforma política radical e de várias transformações no processo educacional. Agradavam-lhe menos os seus recentes tratados antimaterialistas, que lhe pareciam baseados em alegações pseudocientíficas. Lou Salomé continuou:

— Assim, compareci ao salão literário de Malwida, onde conheci o encantador e brilhante filósofo Paul Rée, de quem me tornei grande amiga. *Herr Rée* assistira às aulas de Nietzsche em Basileia, muitos anos antes, e, a partir de então, cultivavam ambos uma estreita amizade. Eu reparava que *Herr Rée* admirava Nietzsche acima de qualquer homem. Depois, chegou à conclusão de que, se nós os dois éramos amigos, então Nietzsche e eu também deveríamos ser amigos. Paul... ou melhor, *Herr Rée*... Doutor — ela corou por um breve instante, mas foi o tempo suficiente para que Breuer reparasse e ela se apercebesse disso —, permita que lhe chame Paul, pois é assim que o trato, e não vamos perder tempo com convenções sociais. Sou muito íntima de Paul, embora jamais me venha a imolar com ele, ou com qualquer outro no casamento! Mas — prosseguiu impaciente — já perdi bastante tempo a justificar um breve e involuntário rubor nas minhas faces. Somos os únicos animais que coram, não é verdade?

À falta de palavras, Breuer apenas conseguiu assentir com a cabeça. Por algum tempo, no meio da sua parafernália médica, sentira-se mais poderoso do que na conversa anterior. Mas agora, exposto ao poder de encanto da jovem, sentia as forças a abandoná-lo. O comentário dela sobre o rubor tinha sido notável: nunca na sua vida tinha ouvido uma mulher, ou qualquer outra pessoa, falar sobre a relação social de forma tão direta. E tinha apenas vinte e um anos!

— Paul estava convencido de que Nietzsche e eu nos iríamos rapidamente tornar amigos — prosseguiu Lou Salomé —, de que éramos perfeitos um para o outro. Queria que me tornasse aluna e protegida de Nietzsche. Queria que Nietzsche fosse meu mestre, meu sacerdote secular.

Foram interrompidos por um leve bater na porta. Breuer levantou-se

para abrir e *Frau* Becker sussurrou-lhe que tinha chegado um novo paciente. Breuer sentou-se novamente, tranquilizou Lou Salomé dizendo que dispunham de bastante tempo, pois os pacientes inesperados estavam habituados a longas esperas, e pediu que prosseguisse.

— Bem — continuou ela —, Paul marcou um encontro na Basílica de S. Pedro, o lugar menos recomendável para a reunião da nossa profana Trindade... designação que mais tarde adotáramos, embora Nietzsche muitas vezes se referisse a ela como um «relacionamento pitagórico».

Breuer deu por si a fitar os seios da visitante, em vez do rosto. *Há quanto tempo estarei a fazer isto?*, perguntou-se. *Terá ela reparado? Será que outras mulheres já me viram fazer o mesmo?* Na sua imaginação, pegou numa vasoura e varreu para longe todo e qualquer pensamento sexual. Concentrou-se mais nos olhos e nas palavras dela.

— De imediato, fui atraída por Nietzsche. Não é um homem fisicamente imponente: altura média, com uma voz gentil e olhos que não pestanejam e olham para dentro, não para fora, como se estivesse a proteger um tesouro interior. Eu ainda não sabia que ele perdera três quartos da visão. Não obstante, havia nele algo de extraordinariamente irresistível. As primeiras palavras que me disse foram: «De que estrelas caímos aqui uns para os outros?»

» Então, começámos os três a conversar. E que conversa! Por algum tempo, pareceu que as esperanças de Paul em que nos tornássemos amigos ou em que Nietzsche se tornasse meu mentor se concretizariam. Intelectualmente, formávamos o par perfeito. As nossas mentes entrelaçaram-se: ele disse que tínhamos almas gémeas de irmão e irmã. Ah! Leu em voz alta as preciosidades do seu último livro, musicou os meus poemas, revelou-me o que ia oferecer ao mundo durante os próximos dez anos; acreditava que a sua saúde não lhe concederia mais de uma década de vida.

» Imediatamente, Paul, Nietzsche e eu decidimos viver juntos num *ménage à trois*. Começámos a planear passar este inverno em Viena ou, possivelmente, em Paris.

Um *ménage à trois*! Breuer pigarreou e remexeu-se, inquieto, na cadeira. Viu-a sorrir do seu embaraço. *Não haverá nada em que ela não repare? Que olho clínico poderia ter esta mulher! Terá alguma vez considerado a hipótese de uma carreira médica? Seria possível tê-la como minha aluna? Minha protegida? Minha colega, trabalhando ao meu lado no consultório, no laboratório?* Esta fantasia tinha poder, poder real — mas as palavras dela arrancaram Breuer à fantasia.

— Sim, sei que o mundo não sorri perante dois homens e uma mulher a viverem castamente juntos. — Realçou «castamente» de forma magnífica,

com ênfase bastante para deixar as coisas claras, mas com brandura para evitar uma repreensão. — Mas somos idealistas livres-pensadores que rejeitamos restrições socialmente impostas. Acreditamos na nossa capacidade de criar a nossa própria estrutura moral.

Como Breuer não respondeu, a sua visitante pareceu, pela primeira vez, insegura sobre como prosseguir.

— Devo continuar? Dispomos de tempo? Estou a ofendê-lo?

— Continue, por favor, *gnädiges Fräulein*. Em primeiro lugar, reservei tempo para si. — Estendeu o braço sobre a secretária para apanhar a agenda na outra ponta e indicou as iniciais L.S. anotadas em maiúsculas em quarta-feira, 22 de novembro de 1882. — Veja bem, não tenho mais nada programado para esta tarde. Em segundo lugar, não me está a ofender. Pelo contrário, admiro a sua franqueza, a sua objetividade. Que bom seria se todos os amigos falassem assim honestamente! A vida seria mais rica e mais genuína.

Aceitando o elogio sem comentar, Lou Salomé encheu de novo a chávena de café e continuou o relato.

— Primeiro gostaria de deixar claro que o meu relacionamento com Nietzsche, embora intenso, foi breve. Encontrámo-nos apenas quatro vezes, quase sempre acompanhados pela minha mãe, pela mãe de Paul ou pela irmã de Nietzsche. De facto, Nietzsche e eu raramente ficámos a sós durante os nossos passeios ou conversas.

» A lua de mel intelectual da nossa profana Trindade foi igualmente breve. Apareceram fissuras. Depois, sentimentos românticos e libidinosos. Talvez tenham estado presentes desde o princípio. Talvez eu seja responsável por não os ter detetado. — Estremeceu como que para se livrar dessa responsabilidade e prosseguiu, narrando uma sequência crucial de acontecimentos.

— No final do nosso primeiro encontro, Nietzsche mostrou-se preocupado com o meu plano de um casto *ménage à trois*, pensando que o mundo não estava preparado para isso, e pediu-me que mantivesse o nosso plano em segredo. Estava preocupado especialmente com a família: em circunstância alguma, a mãe ou a irmã deveriam saber do que se passava entre nós. Que convencionalismo! Fiquei surpreendida e desapontada e perguntei-me se teria sido enganada pelo seu lingüarejar corajoso e pelas suas proclamações de livre-pensador. Pouco depois, Nietzsche tomou uma posição ainda mais radical: que tal sistema de vida seria socialmente perigoso para mim, ruinoso até. Assim, para me proteger, decidiu casar-se comigo e pediu a Paul que me transmitisse a proposta. Em que situação colocou Paul! Mas Paul, por lealdade ao amigo, zelosamente, embora um pouco fleumático, falou-me da proposta de Nietzsche.

— A proposta surpreendeu-a? — perguntou Breuer.

— Bastante, especialmente por sobrevir ao nosso primeiro encontro. Além disso, também me perturbou. Nietzsche é um grande homem e dotado de uma gentileza, de um poder, de uma presença extraordinários; não vou negar, doutor Breuer, que me senti fortemente atraída por ele, mas não romanticamente. Talvez ele tenha sentido essa minha atração por ele e não acreditasse na minha afirmação de que o casamento estava tão longe da minha mente como um romance.

Uma súbita rajada de vento fez bater as janelas e distraiu Breuer por um momento. Subitamente, sentiu uma rigidez no pescoço e nos ombros. Tinha estado tão atento a escutar que, durante vários minutos, não movera um só músculo. Por vezes, os pacientes conversavam com ele sobre assuntos pessoais, mas jamais daquela forma. Jamais frente-a-frente, jamais de forma tão imperturbável. Bertha revelara muitas coisas, mas sempre num estado mental «ausente». Lou Salomé estava «presente» e, mesmo ao descrever acontecimentos remotos, criava momentos de tal intimidade, que Breuer se sentia como se fossem dois amantes a conversar. Não teve problemas em compreender por que razão Nietzsche lhe propusera casamento após um único encontro.

— E então, *Fräulein*?

— Então resolvi ser mais franca no encontro seguinte. Mas acabou por ser desnecessário. Nietzsche percebeu imediatamente que a perspectiva de casamento o assustava no mesmo grau em que a mim me repugnava. No nosso encontro seguinte, duas semanas depois, em Orta, as primeiras palavras que me dirigiu foram de que eu deveria esquecer a sua proposta. Em vez disso, exortou-me a juntar-me a ele na procura do relacionamento ideal: apaixonado, casto, intelectual e não marital.

» Reconciliámo-nos os três. Nietzsche estava tão entusiasmado com o nosso *ménage à trois* que insistiu, uma tarde em Lucerna, para que posássemos para isso: a única fotografia da nossa profana Trindade.

Na fotografia que entregou a Breuer, estavam dois homens de pé em frente a uma carroça; ela estava ajoelhada dentro do veículo, brandindo um pequeno chicote.

— O homem da frente, de bigode a olhar para o céu, é Nietzsche — disse calorosamente. — O outro é Paul.

Breuer examinou as fotografias com atenção. Perturbou-o ver os dois homens — gigantes patéticos e agrilhoados — domados pelo chicote daquela bela e jovem mulher.

— O que acha do meu estábulo, doutor Breuer?

Pela primeira vez, um dos seus comentários espirituosos falhou o alvo e

Breuer lembrou-se subitamente de que ela não passava de uma miúda de vinte e um anos. Sentiu-se incomodado: não gostava de ver máculas na sua delicadeza. O seu coração solidarizou-se com aqueles dois servos — seus irmãos. Poderia, sem dúvida, ter sido um deles.

A sua visitante devia ter sentido a inconveniência, pensou Breuer, observando em como se apressara a retomar a narrativa.

— Encontrámo-nos duas outras vezes: em Tautenberg, há cerca de três meses, com a irmã de Nietzsche, e depois em Leipzig, com a mãe de Paul. Mas Nietzsche escrevia-me constantemente. Eis uma carta em resposta à minha narração do quão comovida fiquei com o seu livro *Aurora*.

Breuer leu rapidamente a pequena carta que ela lhe entregou.

Minha querida Lou,

Também eu tenho auroras ao meu redor e não são pintadas! Algo que já não pensava ser possível, encontrar um amigo para a minha derradeira felicidade e sofrimento, agora afigura-se-me possível — a possibilidade dourada no horizonte de toda a minha vida futura. Fico sensibilizado sempre que chego a pensar na alma ousada e rica da minha querida Lou.

F.N.

Breuer manteve-se em silêncio. Sentiu então um elo de empatia ainda maior para com Nietzsche. *Encontrar auroras e possibilidades douradas, amar uma alma rica e ousada: todos precisam disso*, pensou, *pelo menos uma vez na vida*.

— Durante esse mesmo período — continuou Lou —, Paul começou a escrever-me cartas igualmente ardentes. Apesar dos meus melhores esforços de mediação, a tensão no seio da nossa Trindade aumentou de modo alarmante. A amizade entre Paul e Nietzsche desintegrava-se a olhos vistos. Finalmente, começaram a depreciar-se um ao outro nas cartas que me enviavam.

— Certamente isso não constituiu surpresa para si — interrompeu Breuer. — Dois homens ardentes numa relação íntima com a mesma mulher!

— Talvez eu tenha sido ingênua. Acreditei que os três pudéssemos partilhar uma vida intelectual, realizar em conjunto um trabalho filosófico sério.

Aparentemente perturbada pela observação de Breuer, Lou levantou-se, espreguiçou-se ligeiramente e foi até à janela, parando no trajeto para examinar algumas peças sobre a secretária: um almofariz com pilão de bronze do

Renascimento, uma pequena imagem funerária egípcia, um intrincado modelo de madeira dos canais semicirculares do interior do ouvido.

— Talvez seja obstinada — disse ela, olhando pela janela —, mas continuo a não estar convencida de que o nosso relacionamento a três fosse impossível! Poderia ter funcionado, se não fosse a interferência da detestável irmã de Nietzsche. Nietzsche convidou-me para passar o verão com ele e com Elisabeth em Tautenberg, uma aldeia na Turíngia. Ela e eu encontrámo-nos em Bayreuth, onde estivemos com Wagner e assistimos a uma representação de *Parsifal*. Depois, viajámos juntas para Tautenberg.

— Porque lhe chama detestável, *Fräulein*?

— Elisabeth é uma idiota desagregadora, mesquinha, desonesta e antisemita. Quando cometi a asneira de lhe dizer que Paul era judeu, não se poupou a esforços para o levar ao conhecimento de todo o círculo de Wagner, de modo a garantir que ele nunca fosse bem-vindo em Bayreuth.

Breuer pôs de novo a chávena de café em cima da secretária. Enquanto de início Lou Salomé o tinha embalado no agradável e seguro reino do amor, da arte e da filosofia, agora as suas palavras traziam-no de volta à realidade, ao detestável mundo do antissemitismo. Na manhã desse mesmo dia, tinha lido no *Neue Freie Presse* um artigo sobre irmandades que percorriam a universidade, e invadiam as salas de aula, gritando «*Juden hinaus!*» (Fora com os judeus!) e forçando todos os judeus a saírem das salas de aula — empurrando quem resistisse.

— *Fräulein*, também sou judeu e gostaria de saber se o professor Nietzsche possui os mesmos pontos de vista antissemitas da irmã.

— Sei que o senhor é judeu. O Jenia disse-me. É importante que saiba que Nietzsche apenas se importa com a verdade. Detesta a mentira do preconceito, de todos os preconceitos. *Odeia* o antissemitismo da irmã. Está consternado e desgostoso por Bernard Förster, um dos mais contundentes e virulentos antissemitas da Alemanha, a visitar com frequência. A irmã, Elisabeth...

Agora as palavras dela afluíam mais rapidamente, o tom de voz uma oitava mais alto. Breuer percebeu que ela sabia que se estava a afastar da narrativa planeada, mas não se conseguia conter.

— Elisabeth, doutor Breuer, é uma víbora. Chamou-me prostituta. Mentiu a Nietzsche, dizendo-lhe que mostrei aquela fotografia a toda a gente e que me gabei de como ele adora sentir o meu chicote. Passa o tempo a mentir! É uma mulher perigosa. Um dia, não se esqueça do que lhe estou a dizer, fará grande mal a Nietzsche.

Ainda de pé, agarrou-se firmemente ao espaldar da cadeira enquanto proferia estas palavras. Depois, sentou-se e continuou, mais calma.

— Como pode imaginar, as minhas três semanas em Tautenberg com Nietzsche e Elisabeth foram complexas. Os meus momentos a sós com ele foram sublimes. Maravilhosas caminhadas e profundas conversas sobre tudo... às vezes, a saúde dele permitia-lhe conversar dez horas por dia! Pergunto-me se alguma vez tinha havido tamanha «abertura filosófica» entre duas pessoas. Conversávamos sobre a relatividade do bem e do mal, sobre a necessidade de se libertar da moralidade pública de modo a viver moralmente sob a religião de um livre-pensador. As palavras de Nietzsche pareciam verdadeiras: tínhamos cérebros irmãos, conseguíamos dizer tanto um ao outro através de meias-palavras, de meias-frases, de meros gestos. Contudo, esse paraíso foi estragado, porque estávamos constantemente de baixo do olhar da sua viperina irmã. Eu via-a a escutar, a interpretar mal, a armar alguma.

— Diga-me, por que razão a iria Elisabeth caluniar?

— Porque está a lutar pela vida. Trata-se de uma mulher mentalmente limitada e de espírito embotado. Não se pode permitir a perder o irmão para outra mulher. Nietzsche é, e sempre será, a única fonte de significado para a vida dela.

Olhou de relance para o relógio e, em seguida, para a porta fechada.

— Estou preocupada com as horas, de modo que vou contar rapidamente o resto. Precisamente no mês passado, a despeito das objeções de Elisabeth, Paul, Nietzsche e eu passámos três semanas em Leipzig com a mãe de Paul onde, mais uma vez, tivemos sérias discussões filosóficas, particularmente sobre o desenvolvimento da crença religiosa. Regressámos há apenas duas semanas; Nietzsche ainda acreditava que passaríamos os três a primavera juntos, em Paris. Só que, sei-o agora, tal jamais acontecerá. A irmã logrou envenenar-lhe a cabeça contra mim e, ultimamente, começou a escrever-nos, a Paul e a mim, cartas cheias de desespero e de ódio.

— E agora, hoje, *Fräulein* Salomé, em que pé estão as coisas?

— Deterioraram-se completamente. Paul e Nietzsche tornaram-se inimigos. Paul fica irritado sempre que lê as cartas que Nietzsche me dirige, e sempre que toma conhecimento de qualquer sentimento de ternura que eu tenha por Nietzsche.

— Paul lê a sua correspondência?

— Sim, porque não? A nossa amizade aprofundou-se. Suspeito que estarei sempre junto dele. Não temos segredos um para o outro: chegamos a ler o diário um do outro. Paul tem-me implorado para acabar tudo com Nietzsche. Finalmente, aquiesci e escrevi a Nietzsche dizendo que, embora preze para sempre a nossa amizade, o nosso relacionamento a três já não é possível.

Contei-lhe que havia demasiada dor, uma influência destrutiva: da irmã dele, da mãe, das zangas entre ele e Paul.

— E a resposta dele?

— Violenta! Assustadora! Ele escreve cartas ensandecidas, às vezes a insultar ou a ameaçar, outras vezes profundamente desesperantes. Olhe para estas passagens que recebi na última semana!

Pegou em duas cartas cuja própria aparência denotava agitação: a letra desigual, as várias palavras abreviadas ou sublinhadas diversas vezes. Breuer olhou de relance para os parágrafos que ela tinha sublinhado; porém, incapaz de decifrar mais do que algumas poucas palavras, devolveu as cartas à jovem.

— Esqueci-me de como é difícil ler a letra dele. Deixe-me decifrar esta carta endereçada a Paul e a mim: «Não deixem que as minhas erupções de megalomania ou que a minha vaidade ferida vos incomodem; e, se um dia acontecer que eu me prive da minha própria vida num ataque de paixão, tal não deve ser motivo de grande preocupação. Que fantasias tenho sobre vós!... Cheguei a esta razoável visão de tudo depois de ingerir, em desespero, uma enorme dose de ópio...» — Interrompeu a leitura. — Isto é o suficiente para lhe dar uma ideia do seu desespero. Tenho estado, há várias semanas, na propriedade da família de Paul, na Baviera. Por sorte, toda a minha correspondência vai para lá. Paul tem destruído as cartas mais cáusticas que lhe chegam, de modo a poupar-me à dor, mas esta, endereçada apenas a mim, escapou-lhe: «Se eu a banir de mim agora, será uma condenação assustadora de todo o seu ser... Causou-me dano, minha amiga, fez-me *mal*, e não apenas a mim, mas a todas as pessoas que me amaram: essa espada pende sobre si.»

Lou ergueu o olhar para Breuer.

— Agora, doutor, vê porque recomendo com tanta ênfase que de modo algum se alie comigo?

Breuer sorveu profundamente o seu charuto. Embora Lou Salomé o tivesse intrigado e estivesse absorvido pelo melodrama que ela desfiava, estava preocupado. Deveria ter concordado em tratar daquele caso? Que confusão! Que relacionamentos primitivos e poderosos: a profana Trindade, a amizade interrompida de Nietzsche com Paul, a poderosa ligação de Nietzsche com a irmã, o ódio entre ela e Lou Salomé. *Preciso de ter cuidado para não me deixar envolver por esses turbulentos*, disse para si próprio. O mais explosivo de tudo, claro, era o amor desesperado de Nietzsche, agora transformado em ódio, por Lou Salomé. Mas era demasiado tarde para lhe voltar as costas. Já se tinha comprometido e, em Veneza, tinha declarado jubilosamente: «Jamais me recusei a tratar dos doentes.»

Breuer voltou-se para Lou.

— Essas cartas ajudam-me a compreender a sua preocupação, *Fräulein* Salomé. Compartilho a sua preocupação com o seu amigo: a estabilidade dele parece-me precária e o suicídio, uma possibilidade real. Porém, dado que a *Fräulein* tem agora pouca influência sobre o professor Nietzsche, como o iremos persuadir a visitar-me?

— Sim, *isso* é um problema que tenho vindo a considerar exaustivamente. Até o meu nome é agora veneno para ele e terei de agir nos bastidores. Isso significa, claro, que ele jamais, jamais poderá saber que eu proporcionei o encontro. Nunca lho diga! Mas agora que sei que está disposto a encontrar-se com ele...

Ela livrou-se da chávena e fitou Breuer tão atentamente, que ele teve logo de responder:

— Claro, *Fräulein*. Como lhe disse em Veneza, jamais me recusei a tratar dos doentes.

Depois de ouvir aquelas palavras, Lou Salomé esboçou um largo sorriso. Estava sob maior tensão do que ele imaginava.

— Com essa garantia, doutor Breuer, começarei a nossa campanha para trazer Nietzsche ao seu consultório, sem que ele saiba da minha participação. A sua conduta está agora de tal modo perturbada, que estou certa de que todos os seus amigos estão alarmados e aceitarão qualquer plano sensato para o ajudar. Quando regressar a Berlim, amanhã, vou passar por Basileia para propor o nosso plano a Franz Overbeck, um amigo de longa data de Nietzsche. Doutor, a sua reputação de fazer diagnósticos perfeitos vai ajudar-nos. Acredito que o professor Overbeck consiga persuadir Nietzsche a consultá-lo sobre o seu estado de saúde. Caso seja bem-sucedido, o senhor será avisado por carta.

Logo a seguir, voltou a enfiar as cartas de Nietzsche na mala, levantou-se, agitou a longa saia franzida, pegou na estola de pele de raposa que estava em cima do divã e estendeu a mão a Breuer.

— E agora, caro doutor Breuer...

Quando pôs a outra mão sobre a dele, a pulsação de Breuer acelerou. *Não sejas um velho babado*, pensou ele, entregando-se ao calor daquela mão. Quis confessar-lhe o prazer que lhe dava o seu toque. Talvez ela soubesse, pois manteve a mão dele entre as suas durante todo o tempo em que falou.

— Espero que nos mantenhamos sempre em contacto sobre este assunto. Não apenas por causa dos meus profundos sentimentos em relação a Nietzsche e do meu receio de ser, involuntariamente, responsável por parte do seu sofrimento. Há ainda outra coisa. Também espero que nos tornemos amigos. Tenho vários defeitos, conforme viu: sou impulsiva, perturbo-o, sou

pouco convencional. Mas também tenho pontos fortes. Tenho um excelente olho para a nobreza de espírito num homem. Quando encontro um homem assim, prefiro não o perder. Que tal se nos correspondêssemos?

Largou a mão dele, encaminhou-se para a porta e parou bruscamente. Abriu a mala para retirar de lá dois pequenos volumes.

— Oh!, doutor Breuer, quase me esquecia. Acho que o senhor devia ler os dois últimos livros de Nietzsche. Eles dar-lhe-ão uma ideia daquilo que ele pensa. Mas ele não pode saber que os leu. Levantar-lhe-ia suspeitas, pois foram vendidos pouquíssimos livros. — Uma vez mais, tocou no braço de Breuer. — E ainda outra questão: embora tenha agora tão poucos leitores, Nietzsche está convencido de que será famoso. Contou-me uma vez que o depois de amanhã lhe pertence. Por isso, não diga a ninguém que o está a ajudar. Não cite o nome dele a ninguém. Se o fizer e ele descobrir, vai considerar isto uma enorme traição. A sua paciente Anna O., esse não é o seu nome verdadeiro, pois não? O senhor usa um pseudónimo?

Breuer assentiu com a cabeça.

— Então, aconselho-o a fazer o mesmo com Nietzsche. *Auf Wiedersehen*, doutor Breuer — despediu-se, estendendo-lhe a mão.

— *Auf Wiedersehen, Fräulein* — respondeu Breuer, inclinando-se e levando-lhe a mão aos lábios.

Depois de fechar a porta quando ela saiu, lançou um olhar aos dois volumes finos e brochados, observando os estranhos títulos: *Die Fröhliche Wissenschaft* (*A Gaia Ciência*) e *Menschliches, Allzumenschliches* (*Humano, Demasiado Humano*), antes de os guardar na gaveta. Dirigiu-se à janela para um último relance a Lou Salomé. Ela ergueu o guarda-chuva, desceu rapidamente as escadas da frente e, sem olhar para trás, entrou num fiacre que a esperava.